

O conceito de revolução molecular e a ideia do eterno retorno ao estado nascente

Entrevista com João Perci Schiavon¹

Maria Eduarda Checa (M.E.C.): Fazem 50 anos desde a morte de Félix Guattari. Ao revisitarmos os diversos volumes dos cadernos de Subjetividade, logo percebemos a grande influência de seu trabalho nos textos até agora publicados. Algo que nos chamou a atenção foi sua vontade e capacidade de criar conceitos que nos envolvem com o futuro. Interessante notar como, em cada autor que é atravessado pela sua obra, um conceito ou outro se revela funcionar como máquina de produção de futuros. Ao mesmo tempo nos anima e nos assusta ao dizer que “o futuro está cheio de potencialidades imprevisíveis, um futuro além do probabilismo, aberto a uma improbabilidade maior, de todo acontecimento singular”. Assim, retomamos um Félix de uma psicologia construtivista, futurista, acolhedora das singularidades.

Gostaríamos que nos falasse como o Conceito de Revolução molecular vinculado à Ideia de eterno retorno ao estado nascente te faz pensar uma psicologia voltada ao futuro.

João Perci Schiavon (J.P.S.): De fato, o conceito de revolução molecular de Guattari é fundamental em sua obra. Todo o tempo parece pensar essa noção. Seus artefatos conceituais, todas essas modalidades de apreensão conceitual – máquinas abstratas, territórios existenciais, universos incorporais –, são operações que visam um processo de transformação e de transvaloração. Se há nisso algo de nietzschiano, apesar de uma certa antipatia de Guattari por Nietzsche, é sobretudo uma

¹ Entrevista feita pelo grupo editorial dos Cadernos de Subjetividade em 14 de julho de 2022.

perspectiva psicanalítica e clínica que eu chamaria de originária. Em parceria com Deleuze, mas muito especialmente pela sua sensibilidade pragmática, percebeu que era disso que se tratava na psicanálise e nas formações do inconsciente – de futuro. Essas formações não são os meios de um retorno ao passado, para se retomar então o desenvolvimento psicológico, confirmando e legitimando o estado atual das condições de experiência; são, ao contrário, proposições do inconsciente enquanto operador molecular de uma revolução em vista daquilo que põe em andamento, a saber, matérias de opção. Então não é exatamente um desejo de revolução. É uma percepção das condições da revolução ao nível do inconsciente. Cabe pensar o inconsciente a partir de noções que façam jus ao seu funcionamento. Daí, por exemplo, a ideia de máquina abstrata e de núcleos maquinícios. Um ponto de vista pragmático se torna essencial. Os universos ontológicos passam a ser pensados – dir-se-ia operados – por essa pragmática. De saída, trata-se de um pensamento que aposta na potência revolucionária da análise, na medida em que ela adota a perspectiva do inconsciente.

Guilherme Ponce (G.P.): Ele fala que a luta revolucionária deve se ocupar dessa dicotomia entre produção social e produções desejo, pensando o que você falou do desejo... “onde houver repressão familiar, no caso da análise, contra a mulher, crianças, drogados, alcoólatras, homossexuais”, podemos incluir os indígenas... portanto seria impossível que essa “micro-luta de classes” se restringisse apenas ao terreno da psicanálise... Daí, com Deleuze, Guattari disse que, ao invés de reconciliar as duas economias, a economia política e a economia libidinal, eles preferem tratar como se existisse apenas uma economia e mostrar como o desejo inconsciente investe sexualmente as formas dessa economia por inteiro. O que você acha dessa ideia de revolução em termos econômicos, e uma economia do desejo?

J.P.S.: A ideia de revolução molecular depende de uma noção de desejo nesses termos. E tomar a economia política como sendo imediatamente de desejo significa partir do seguinte: em tudo há o desejo. Há investimento desejante em diferentes formas sociais. Se esses autores dizem que há um desejo burocrático, um desejo fascista, é porque propõem que é da perspectiva do desejo que as coisas devem ser consideradas, apreciadas – a economia política e tudo o mais. O desejo vê o desejo em

tudo, mesmo na burocracia, mesmo no fascismo, tal como denunciara Reich – as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo. É um modo de pensar as condições do inconsciente, o que me permite situar todo o assunto numa perspectiva ética. Nessa perspectiva, que é a analítica, não cabe a justificativa de que “eu só cumpria ordens”. Desejei aquele lugar de cumpridor de ordens, gozei ali. Há uma série de problemas clínicos e éticos envolvidos nessa raspagem do inconsciente, para usar uma expressão do *Anti-Édipo*. É mesmo em vista de uma ética, de uma clínica e de uma política que as questões se colocam a partir do desejo.

G.P.: Qual você acha que é o destino da luta de classes nessa revolução molecular? Na perspectiva de uma economia do desejo...

J.P.S.: É claro que a divisão de classes está em questão do ponto de vista do desejo. Mas deste ponto de vista ela está com os dias contados. Concerne ao inconsciente colonial, capitalístico, como o nomeia Suely Rolnik. A revolução molecular compreende processos de singularização que não se explicam pela luta de classes. São linhas de fuga em relação às normatizações de toda sorte. Repercussão, sem dúvida, no nível daquelas lutas, mas começam antes e se estendem além, não como utopia, mas aqui e agora. Guattari e Deleuze nomearam essas linhas de desterritorialização absoluta. A análise ou, se se preferir, a esquizo-análise, faz ressoar ainda uma declaração de Nietzsche: “Trago a guerra através de todos os absurdos de povo, classe, raça, profissão, educação, cultura...” O sucesso do empreendimento analítico, porém, não é tão certo. A pragmática significa isso: é preciso ser feito. Não existe nada dado a priori, nenhuma lógica inexorável da história. As máquinas suspendem as certezas do materialismo histórico. Daí a colocação dos problemas a partir do desejo, para o qual as “máquinas abstratas” fornecem, por assim dizer, as vias de atualização. Como essas máquinas adquirem a feição de máquinas de guerra? Na medida em que atualizam processos singulares, imprevistos. Acontece que a máquina abstrata preside tanto as estratificações como as linhas de fuga, ainda que estas pareçam mais próximas da máquina viva, para falar ainda como Deleuze e Guattari. Ora, é preciso inserir (ou detectar) o vivo – o “núcleo maquinílico”, conceito cunhado por Guattari – na máquina abstrata, para que dela se engendrem linhas de fuga alinhadas a uma linha

abstrata vital, talvez o conceito mais enigmático desses autores. Aqui se toca, ao mesmo tempo, no singular e no absoluto. Eu os associo ao vivo, ao ativo e à força. O materialismo histórico adquire assim uma outra feição, não mais dialética, como razão da história, mas contingente e ética, sem que desse processo se exclua a lógica e a crítica. Uma lógica dos afetos ou das intensidades passa a orientar toda uma pragmática política, a partir de agora igualmente ética e clínica. Desejo e máquina de guerra, singular e nômade, são o mesmo; a partir dessa máquina viva, criativa, os valores de classe não têm qualquer vigência. Em Guattari as intensidades são valores do desejo, ou seja, pontos de vista avaliadores, que não respondem às estratificações do *socius*, mas às condições originárias do inconsciente.

G.P.: É interessante também pensar, nisso que você falou, que o desejo vai envolver algo que é anterior à luta de classes, que é o comum. Por exemplo, o Guattari fala que, atualmente muitas coisas que antes pareciam pertencer ao domínio comum para todo sempre, aos poucos acabam caindo nas mãos de especialistas ou de detentores, por exemplo a água, o ar, a energia, a arte, que estão cada vez mais em vias de se tornar propriedades privadas no decorrer do tempo. E daí ele pergunta: por que não a phantasia – o virtual, a capacidade de imaginar – e o próprio desejo não seriam dessas matérias comuns, instâncias comuns, que estão sempre no risco de serem privatizadas.

J.P.S.: A ideia do comum é da maior importância em Guattari, ainda que não seja um termo que ele use com frequência, pelo que sei. Diz respeito à ideia de que todos os processos maquinícios constituem, como tais, um único plano de imanência, em vista do qual se operam as desterritorializações absolutas. Estas investem o comum ou a vida de todas as formas, assim como o virtual do qual você fala. Guattari de fato propõe que se descubra uma forma do ser do ser, processual, presente aqui e em toda parte. Algo como dizer, com Guimarães Rosa, que o sertão está em todo lugar, que ele é o mundo. O desejo é desterritorializado e desterritorializante para uma perspectiva analítica. Nesses termos, não existem fronteiras para o desejo.

M.E.C.: Estava pensando aqui, acho que um pouco a ver com essa parte que ele diz que só uma profunda transformação das relações sociais

em todos os níveis, um imenso movimento de retomada das máquinas técnicas pelas máquinas desejantes, que eu denomino uma revolução molecular, correlativa da promoção de práticas analíticas e micropolíticas novas permitirão alcançar um tal ajustamento. Eu acho que tem haver com isso... E nesse sentido, a economia desejo conseguirá ficar em harmonia com os progressos técnicos e científicos? Porque acho que ele está falando também dessas máquinas, que elas vão sendo criadas e apropriadas por esse sistema.

J.P.S.: É uma observação corrente em Guattari – o equívoco de uma ideia desfavorável em relação às máquinas tecnológicas, como se um período anterior, dito mais natural, fosse mais condizente com os interesses vitais, quando se trata, na verdade, de se reapropriar delas, como você diz, inserindo-as nos processos vitais de singularização.

G.P.: Inclusive a psicanálise, né, como uma máquina...

J.P.S.: Inclusive a psicanálise, ser reapropriada também. E a cada vez, pois é a virtude dessa máquina ter sido sempre isso, a volta sobre si. Apesar de todo o combate feroz à psicanálise – leia-se o Inconsciente Maquínico – Guattari assim mesmo a salva, sob o nome, por exemplo, de psicanálise ampliada, mais próxima, no entanto, da psicanálise dos inícios, quando Freud descobria a lógica dos processos inconscientes. Mas, segundo Guattari, Freud não seguiu a intuição inicial de uma subjetividade inconsciente, reduzindo-a logo a uma matéria prima energética, indiferenciada. A esfera de diferenciação subjetiva seria situada em outro plano. O que é questionável, pois, se para Freud uma força inconsciente quer se expressar, já não pode ser definida como indiferenciada. Reapropriar a psicanálise implica em retomar essa subjetividade inconsciente.

G.P.: Nesse sentido, talvez seja possível pensar a psicanálise como um tipo de prática da vontade de análise do inconsciente?

J.P.S.: Sim, muito especialmente. Ela nasceu dessa vontade. Que o analista faça parte do conceito de inconsciente, como queria Lacan, sugere essa vontade, também no sentido de que ela procede do inconsciente.

G.P.: Nisso que a gente estava falando de tornar isso um comum, um bem comum: essa vontade, esse desejo, essa economia...

J.P.S.: Sem dúvida. Alguns elementos do pensamento analítico dão inclusiva ocasião a essa experiência extra-pessoal.

G.P.: E daí, voltando pra aquilo que você trouxe, daria pra pensar o eterno retorno ao estado nascente como um dispositivo clínico? Por exemplo, pra esse momento da pandemia...

J.P.S.: Bom você pensar isso como dispositivo clínico. A meu ver, é assim que as proposições de Guattari devem ser consideradas. A própria teoria tem uma face clínica, por ser instigadora de uma prática. Assim é com essa ideia do eterno retorno ao estado nascente, que de algum modo evoca a conhecida frase de Freud – Wo Es war, sol Ich werden (onde isso era, devo eu vir a estar), e que me faz associar com o tema da pulsão e seu circuito em retorno. Sugere que tudo, nesse domínio, precisa ser feito ou refeito a partir do zero. Tudo precisa ser reconsiderado, avaliado, operado a partir desses núcleos maquínicos – para usar os termos de Guattari –, que são potências de singularização. Não há nada anterior que as autorize. E tal é o estado nascente ao qual se retorna: não há nada anterior a esse estado.

Gabriel Gimenes (G.G.): É nesse sentido que me pareceu que você fez uma distinção entre “desejar a revolução” e “criar condições para o desejo”. É nesse núcleo maquínico originário que se situam esse retorno às condições do desejo?

J.P.S.: É.

G.G.: Onde produzir desejo, não só de desejar, mas quais são as condições de produzir esse desejo.

J.P.S.: Exatamente. Posso ficar desejando a revolução isso é uma coisa, sabe lá onde isso vai dar. Mas encontrar as condições do desejo, sim, isso é revolucionário. É aí, nesses núcleos maquínicos, que se encontra o que há de vivo na máquina, o que há de livre, o que há de criativo. Está ali. E não tem nada que anteceda a isso. Excelente perspectiva de

Guattari, para quem o conhecimento que se possa ter de um universo, no sentido astrofísico ou axiológico, só é possível pela mediação de máquinas autopoieticas – outro conceito ampliado, retirado de Maturana e Varela – através das quais uma modalidade de ser, seja ela qual for, pode vir à existência. Uma singularidade que não é mais pessoal acede, assim, a uma enunciação coletiva. Emergência do comum, mais uma vez.

G.P.: Tem um momento que o Guattari fala de uma proto-subjetividade cósmica...

J.P.S.: Ele usa várias expressões como esta: proto-estética, proto-desejo... Trazendo sempre para antes...

G.G.: Mas parece que esse “proto” do antes não se remita ao passado mas ao futuro também, enquanto potencialidade e por vir.

J.P.S.: É sempre nesse sentido. E é por isso que as noções de Guattari estão dentro da perspectiva de uma revolução molecular. Mas, de novo, ele descreve as condições do desejo, uma descrição, ao que me parece, das mais justas. Faz uma crítica a toda ideia do significante e da estrutura no lacanismo, pois não alcançam o real das máquinas, o real vivo das máquinas. Não se chega ao real pelo significante e pela estrutura. Chega-se a um real como impossível ou como vazio.

G.G.: Não funcionou...

J.P.S.: O que se faz então – por meio do significante e da estrutura? Justamente, neutraliza-se aquela potência do eterno retorno ao estado nascente. Potência, e não vazio.

G.P.: Será que a análise do inconsciente não leva a esse ponto?

J.P.S.: Pois leva a esse ponto. Guattari diz que aí estão as instâncias últimas do inconsciente: os núcleos vivos, ativos... Quer ver o inconsciente? Pense em proto-desejo, em subjetividade maquinica...

G.P.: Eu vejo um Guattari que milita para que a análise do inconsciente deva se tornar assunto de todos. Tem uma passagem que ele fala mais

nesse sentido... tendo sempre que renovar seus métodos, diversificar suas abordagens enriquecer-se em contato com todos os campos de criação. Como seria “criar novas máquinas teóricas e práticas capazes de varrer as estratificações anteriores e estabelecer as condições para um novo exercício do desejo”? Eu penso, por exemplo, esse movimento dele de retomada da primeira tópica do Freud. O que mais, em termos desse movimento agente pode fazer hoje?

M.E.C.: Posso ler um trecho que eu acho que tem a ver com isso que você está falando, Gui? Ele diz assim: “Após longos anos de formação e de prática, fui chegando à conclusão de que a psicanálise deveria reor-
mar radicalmente seus métodos e suas referências teóricas, caso contrá-
rio, estaria condenada a vegetar na esclerose e no inconformismo que a
caracterizam atualmente. Ou até mesmo a perder toda a credibilidade e
a desaparecer completamente. O que, eu insisto, me pareceria prejudicial
por muitas razões. Pouco que importa, creio eu, que as sociedades,
as escolas psicanalíticas e a própria profissão de psicanalista desapare-
çam, contanto que a análise do inconsciente subsista enquanto prática,
segundo novas modalidades.

J.P.S.: Existem modalidades de análise do inconsciente além psicaná-
lise, estritamente falando, ou da esquito-análie, como sucede nas artes,
no cinema, nas performances... São meios de expressão que colocam
em andamento processos de singularização. Têm repercussão coletiva e
são enunciações coletivas. Mas a análise precisa sempre se apurar para
se manter numa voltagem ativa. Na análise do inconsciente é preciso
operar com uma visão condizente com as condições do inconsciente.
Perspectiva ativa, pois o inconsciente, em última instância, é um lugar
de não submissão, de não sujeição. Trata-se de estar à altura desse pro-
cesso do inconsciente, e com isso viabilizar alianças.. Quanto à expan-
são desse conhecimento da análise, que ele se expanda, se coletivize,
como deseja Guattari, deve-se à sua implicação coletiva direta. Trata-se
de dar lugar a isso. Quando se faz análise do inconsciente, já se está
num campo de enunciação coletiva, e precisamente por conta do caráter
singular do processo. Singular e impessoal. Não é só que interessará a
todos; interessa a todos desde sempre. É o que foi dito no início: rea-
propriar-se do comum. De qualquer modo, alguém tem ideia de como
expandir isso?

G.P.: Acho que talvez seria interessante pensar em termos de economia do desejo mesmo, né. De como reivindicar uma retomada, e por isso que acho que tem algo que vem de uma luta de classes, que volta em um modo molecular, como retomar essa vontade clínica, essa vontade de ter um contato com esse estado nascente. E que essa é uma água, é um é uma matéria, é uma necessidade básica que foi tirada da humanidade, e que foi estratificada, e que foi imposto limites, permissões, leis, condições...Então eu acho que é uma questão imanente à própria resposta. E daí acho que isso define uma revolução, é uma vontade de reinstaurar o campo da vontade.

J.P.S.: A vontade de contato com esse estado nascente, a vontade clínica de que você fala, vontade da vontade, volta-se para as intensidades do desejo, para os valores do desejo. É o campo da tendência, real-virtual, e dos processos páticos. Como não seria também o da vontade, sim, num plano molecular antes de tudo, mas orientada igualmente num terreno macropolítico. O que se quer, como se quer... Eu falei de transvaloração, no início. Apreciações de valor aparecem nessa revolução molecular, de revaloração, ou de transvaloração. Até por conta de uma ideia que está presente em Guattari – o desejo, o desejo mesmo, do ponto de vista de um pragmatismo clínico, se define pela intensidade e não pela falta. Falta não raro a consideração da intensidade, a consideração pática. As intensidades do desejo também são modos de avaliar. É isso que precisa ser recuperado. Modos de avaliação segundo as intensidades, e não de um modo moral ou qualquer outro. A revolução molecular também consiste nisso.

G.P.: Uma coisa que me evoca, o conceito da heterogeneidade. E de pensar nessa revolução molecular como algo expansivo, como algo dispersivo, que nunca retorna a um passado, a um mesmo, mas sempre uma produção expansiva de diferença. E pensar daí, será que é possível pensar uma prática micropolítica como um gigantesco rizoma de revoluções moleculares?

J.P.S.: Sim, um gigantesco rizoma feito de inumeráveis rizomas. Vocês falaram antes da dispersão e da heterogeneidade. Pois bem, Guattari forjou a noção de transversalidade porque a máquina “transversaliza-

te” é aquela que se ocupa da heterogeneidade sem reduzi-la, sem sobre-codificá-la. Máquina transgênera, interespecífica... Daí o caráter abstrato da máquina, dado que antecede suas atualizações, algumas das quais se efetuando em disjunções exclusivas. Estas não fazem jus à potência da máquina abstrata, desconhecendo-a finalmente. Não estando sujeita a tais e tais configurações sociais, a máquina abstrata perpassa todos os níveis, como pressuposto de todos os agenciamentos. Ela é por exceléncia transversalizante, uma espécie de domínio da heterogeneidade.

G.P.: E, ao mesmo tempo, ela não está numa luta opositiva, dialética, com essas instâncias...

J.P.S.: Não está. Simplesmente processa aquilo que se estratificou e continua a se estratificar e aquilo que não, aquilo que dá passagem a outros agenciamentos não conhecidos. Atravessa o campo social em todos os níveis. Daí que a luta de classes precisa ser lida a partir da máquina abstrata, que não só a induz continuamente como opera agenciamentos imprevistos, as linhas de fuga do regime de classes. Estes agenciamentos se aproximam mais dos núcleos vivos da máquina do que os estratos. Do mesmo modo, o desejo não pode ser lido a partir da lei. Trata-se antes do inverso.

G.P.: Acho que é cabe retomar um conceito que acho que é o seu interesse, que é o conceito de ciência.

J.P.S.: Acho que cabe. O que você pensa?

G.P.: Acho que a forma que o Guattari trabalha com a ciência é muito propositiva nesse sentido de pensar o que a gente entende por ciência, até com a noção de ciência menor. Por exemplo, ele vê uma separação ingênua e radical entre o campo literário e o científico; e que acaba, nessa separação, se perdendo obras literárias, por exemplo, que constituem verdadeiras explorações científicas, da mesma maneira que uma obra de Freud, de Newton ou de Einstein. E que os cientistas, o que agente concebe como ciência não dispõe de meios que permitam enfrentar o tipo de problemática que essas obras acabam enfrentando. Por exemplo, tratar o inconsciente como um fenômeno científico mesmo, de um interesse científico.

J.P.S.: Você observa bem, e ele pensa isso a propósito de alguns escritores, como Proust, Kafka... Guattari e Deleuze são autores que se ocuparam muito da literatura, e é mesmo uma tendência psicanalítica essa dedicação. Por exemplo, Lacan com Joyce. Isso significa que alguma coisa precisaria ser redita, quando Guattari fala de novos paradigmas – estéticos e éticos, e não científicos, para pensar a análise. Seria preciso fazer ainda uma torção na direção de uma ciência. Chamemo-la de menor, a análise do inconsciente como uma ciência menor por excelência, livre de qualquer transcendência.

G.P.: Nesse sentido, dá até pra pensar com a filosofia da ciência (Thomas Kuhn) que o Guattari é uma revolução paradigmática da ciência... de introduzir o paradigma estético como científico.

J.P.S.: Sim, faltava ele dizer isso... talvez tenha dito...

G.P.: A gente está dizendo através dele, né...

J.P.S.: Sim, através dele... Mas isso está presente no pensamento dele. Quando fala dos escritores, de suas obras, nos termos que você lembrou, está falando de uma ciência que se constitui nessas obras, envolvendo percepções que exigem um verdadeiro preparo. Sim, a análise do inconsciente é também uma ciência do inconsciente.

G.P.: Analisar o inconsciente pelos termos do inconsciente... essa é a revolução?

J.P.S.: Sim.

G.P.: Então viva a revolução!

J.P.S.: Só pode existir dentro de uma práxis. Não existe idealmente. Por isso máquina, para não entrar em nenhum idealismo – o real das máquinas.

M.E.C: Para poder combater os idealismos...

J.P.S.: Para combater os idealismos...

João Perci Schiavon é psicanalista, Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP, autor de *Pragmatismo Pulsional – clínica psicanalítica*, N-1 Edições, 2019 e professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.